

Vida de Maria (XIII): Magistério, Padres e Santos

As vidas ocultas de Cristo, José e Maria – vidas de trabalho e normalidade em Nazaré – tal como a contemplaram o magistério, os Padres da Igreja e outros autores espirituais.

28/06/2011

A VOZ DO MAGISTÉRIO

«Em Maria, a consciência de cumprir uma tarefa que Deus lhe tinha confiado atribuía um significado

mais excelso à sua vida quotidiana. Os afazeres simples e humildes de cada dia assumiam, aos seus olhos, um valor singular, já que eram vividos por Ela como serviço à missão de Cristo.

O exemplo de Maria ilumina e encoraja a experiência de inúmeras mulheres, que realizam o seu trabalho quotidiano exclusivamente entre as paredes domésticas. Trata-se de um empenho humilde, oculto, repetitivo e, muitas vezes, não apreciado de modo suficiente. Contudo, os longos anos, vividos por Maria na casa de Nazaré, revelam as suas enormes potencialidades de amor autêntico e, portanto, de salvação. Com efeito, a simplicidade da vida de tantas donas de casa, sentida como missão de serviço e de amor, contém um valor extraordinário aos olhos do Senhor.

E pode-se até dizer que a vida de Nazaré, para Maria, não era dominada pela monotonia. Em contacto com Jesus que crescia, Ela esforçava-se por penetrar o mistério do seu Filho, contemplando e adorando. São Lucas diz: «Maria conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração» (2, 19; cf. 2, 51).

«Todas estas coisas»: são os acontecimentos de que Ela foi, ao mesmo tempo, protagonista e espectadora, a começar pela Anunciação; mas, sobretudo, é a vida do Menino. Cada dia de intimidade com Ele constitui um convite a conhecê-lo melhor, a descobrir mais profundamente o significado da Sua presença e o mistério da Sua pessoa.

Poder-se-ia pensar que para Maria era fácil acreditar, dado que Ela vivia quotidianamente em contacto com Jesus. A respeito disso, porém, é

preciso recordar que os aspectos singulares da personalidade do Filho permaneciam habitualmente ocultos; embora o Seu modo de agir fosse exemplar, Ele vivia uma vida semelhante à de tantos dos Seus coetâneos.

Durante os trinta anos da permanência em Nazaré, Jesus não manifesta as Suas qualidades sobrenaturais nem realiza gestos prodigiosos. Às primeiras manifestações extraordinárias da Sua personalidade, ligadas ao início da pregação, os Seus familiares (chamados no Evangelho «irmãos») assumem — segundo uma interpretação — a responsabilidade de O reconduzir a casa, porque julgam que o Seu modo de Se comportar não é normal (cf. *Mc* . 3, 21).

Na digna e laboriosa atmosfera de Nazaré, Maria esforçava-se por

compreender a trama providencial da missão do Filho. Nesse sentido, para a Mãe foi certamente objecto de particular reflexão a frase que Jesus pronunciara no Templo de Jerusalém, quando tinha doze anos: «Não sabíeis que devia estar em casa de Meu Pai» (*Lc* . 2, 49). Ao meditar sobre isto, Maria podia entender melhor o sentido da filiação divina de Jesus e o da sua maternidade, empenhando-se em divisar, no comportamento do Filho, os traços reveladores da Sua semelhança com Aquele a Quem Ele chamava «Meu Pai».

A comunhão de vida com Jesus, na casa de Nazaré, levou Maria a progredir não só «na peregrinação da fé» (*LG* , 58), mas também na esperança. Essa virtude, alimentada e sustentada pela lembrança da Anunciação e das palavras de Simeão, abrange toda a Sua existência terrena, mas é de modo

particular exercida nos trinta anos de silêncio e ocultamento passados em Nazaré.

Entre as paredes domésticas a Virgem vive a esperança de forma excelsa; sabe que não ficará desiludida, ainda que não conheça os tempos e os modos com que Deus realizará a Sua promessa. Na obscuridade da fé e na ausência de sinais extraordinários, que anunciem o início da missão messiânica do Filho, Ela espera, para além de qualquer prova, aguardando de Deus o cumprimento da promessa.

Ambiente de crescimento da fé e da esperança, a casa de Nazaré torna-se um lugar de sublime testemunho da caridade. O amor que Cristo desejava infundir no mundo acende-se e arde, antes de tudo, no coração da Mãe: é precisamente no lar que se prepara o anúncio do Evangelho da caridade divina.

Olhando para Nazaré, contemplando o mistério da vida oculta de Jesus e da Virgem, somos convidados a refletir sobre o mistério da nossa própria existência, que — recorda São Paulo — «está escondida com Cristo em Deus» (*Col . 3, 3*).

Trata-se, com frequência, de uma existência humilde e obscura aos olhos do mundo; porém, de uma existência que na escola de Maria pode manifestar inesperadas potencialidades de salvação, irradiando o amor e a paz de Cristo.»

João Paulo II (século XX).

Discurso na audiência geral, 29-I-1997.

«Nazaré recorda-nos o dever de reconhecer e de respeitar a dignidade e a missão conferidas por Deus às mulheres, assim como os seus carismas e talentos especiais. Seja como mães de família, como

uma presença vital no mercado de trabalho e nas instituições da sociedade, seja na vocação particular a seguir o Senhor mediante os conselhos evangélicos da castidade, pobreza e obediência, as mulheres desempenham um papel indispensável na criação daquela "ecologia humana" (cf. *Centesimus annus* , 39), de que o mundo e também esta terra têm tão urgente necessidade: um ambiente em que as crianças aprendam a amar e a estimar os outros, a ser honestos e respeitadores para com todos, a praticar as virtudes da misericórdia e do perdão.

Aqui pensamos também em São José, o homem justo que Deus colocou à frente da sua casa. Do exemplo forte e paterno de José, Jesus aprendeu as virtudes da piedade viril, da fidelidade à palavra dada, da integridade e do trabalho duro. No carpinteiro de Nazaré, pôde ver

como a autoridade posta ao serviço do amor é infinitamente mais fecunda do que o poder que procura dominar. Quanta necessidade tem o nosso mundo do exemplo, da orientação e da força calma de homens como José!

Enfim, ao contemplar a Sagrada Família de Nazaré, dirijamos o nosso olhar ao Menino Jesus, que na casa de Maria e de José cresceu em sabedoria e conhecimento, até ao dia em que deu início ao seu ministério público. Gostaria de transmitir um pensamento particular aos jovens aqui presentes. O Concílio Vaticano II ensina que as crianças desempenham um papel especial para fazer crescer os seus pais em santidade (cf. Gaudium et spes , 48). Peço-vos que reflectis sobre isto, permitindo que o exemplo de Jesus vos oriente não apenas na manifestação do respeito aos vossos pais, mas também ajudando-os a

descobrir mais plenamente o amor que confere à vossa vida o sentido mais completo. Na Sagrada Família de Nazaré, Jesus ensinou a Maria e José um pouco da grandeza do amor de Deus, seu Pai celeste, fonte última de todo o amor, o Pai do qual toda a paternidade no céu e na terra adquire o seu nome (cf. *Ef* 3, 14-15).»

Bento XVI (Século XXI)

Alocução em Nazaré, 14-V-2009.

A VOZ DOS PADRES E ESCRITORES ANTIGOS « Aprendamos, filhos, a estar submetidos aos nossos pais. Aqui o maior submete-se ao mais pequeno. Com efeito, vendo que José é maior do que Ele, Jesus honra-o com o respeito que se deve a um pai, dando a todos os filhos um exemplo de submissão aos pais ou, se são órfãos, àqueles que têm a autoridade paterna.

Mas porque é que falo dos pais e dos filhos? Se Jesus, o Filho de Deus, se submete a José e a Maria, não deverei eu submeter-me ao Bispo que Deus me deu por pai? Não deverei estar sujeito ao sacerdote que o Senhor me mandou?

Penso que José compreendia bem que Jesus era superior a ele, embora lhe estivesse submetido; e, sabendo isto, dava-lhe ordens com prudência e moderação. Reflicta cada um sobre este facto. Ocorre com frequência que um homem de pouco valor esteja colocado acima de outros melhores do que ele e às vezes sucede que o inferior vale mais do que o superior que governa. Se quem está investido de uma elevada dignidade compreende estas coisas, não se encherá de orgulho por causa da sua mais elevada categoria, mas estará consciente de que o inferior pode ser melhor do que ele, do mesmo modo que Jesus estava submetido a José».

Orígenes (século III).

Homilias sobre São Lucas 20, 5

***** A VOZ DOS SANTOS E AUTORES ESPIRITUAIS**

«Não nos esqueçamos de que a quase totalidade dos dias que Nossa Senhora passou na Terra decorreram de forma muito semelhante à vida diária de muitos milhões de mulheres, ocupadas em cuidar da sua família, em educar os seus filhos, em levar a cabo as tarefas do lar. Maria santifica as mais pequenas coisas, aquilo que muitos consideram erradamente como não transcendente e sem valor: o trabalho de cada dia, os pormenores de atenção com as pessoas queridas, as conversas e as visitas por motivo de parentesco ou de amizade... Bendita normalidade, que pode estar cheia de tanto amor de Deus!

Na verdade, é isso o que explica a vida de Maria: o amor. Um amor levado até ao extremo, até ao esquecimento completo de si mesma, contente por estar onde Deus quer que esteja e cumprindo com esmero a vontade divina. Isso é o que faz com que o mais pequeno dos seus gestos nunca seja banal, mas cheio de significado. Maria, nossa Mãe, é para nós exemplo e caminho.

Havemos de procurar ser como Ela nas circunstâncias concretas em que Deus quis que vivêssemos.

Procedendo deste modo, daremos aos que nos cercam o testemunho de uma vida simples e normal, com as limitações e com os defeitos próprios da nossa condição humana, mas coerente. E assim, vendo-vos iguais a eles em tudo, os outros serão levados a perguntar-nos: como se explica a vossa alegria? Onde tirais forças para vencer o egoísmo e o comodismo? Quem vos ensina a

viver a compreensão, o espírito de convivência, a entrega, o serviço dos demais?»

São Josemaria (século XX)

Cristo que passa, n. 148.

«A Virgem Maria conservava no seu coração, com suma diligência, tudo o que tinha ouvido dizer do Senhor e tudo quanto Ele próprio dizia e fazia. Confiava tudo à memória, para que, quando chegasse a altura de pregar ou de escrever acerca da Sua encarnação, pudesse relatar com exatidão todas as coisas, tal como tinham sucedido.

Imitemos, irmãos, a Santa Mãe do Senhor. Também nós conservemos zelosamente no coração as palavras e as obras do nosso Salvador; meditemo-las de dia e de noite, afastando os incômodos assaltos dos desejos vãos e perversos. Porque, se efetivamente desejamos habitar na

casa do Senhor e louvá-Lo por toda a eternidade, na bem-aventurança celestial, é muito necessário que já nesta vida demonstremos claramente o que desejamos para a vida futura: não só indo à igreja cantar os louvores do Senhor, mas testemunhando também com as palavras e com as obras, em qualquer lugar do Seu reino, tudo o que redunde em glória e louvor do nosso Criador».

São Beda o Venerável (séculos VII-VIII).

Homilias , 1, 19.